

**DA REGIÃO CENTRO SUL ÀS TERRAS VERMELHAS DAS MISSÕES:  
UM EXAME COMPARATIVO DA ESTRUTURA DE POSSE DE ESCRAVOS EM CAÇAPAVA  
E SÃO BORJA (RIO GRANDE DE SÃO PEDRO, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX)**

FROM THE SOUTHERN CENTRAL REGION TO THE RED LAND OF MISSÕES:  
A COMPARISON BETWEEN THE STRUCTURES OF POSSESSION OF SLAVES IN CAÇAPAVA AND SÃO BORJA  
(RIO GRANDE DE SÃO PEDRO, FIRST HALF OF THE 19TH CENTURY)

Leandro Goya Fontella  
André do Nascimento Corrêa

Vol. XI | n°22 | 2014 | ISSN 2316 8412



# DA REGIÃO CENTRO SUL ÀS TERRAS VERMELHAS DAS MISSÕES: UM EXAME COMPARATIVO DA ESTRUTURA DE POSSE DE ESCRAVOS EM CAÇAPAVA E SÃO BORJA (RIO GRANDE DE SÃO PEDRO, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX)<sup>1</sup>

Leandro Goya Fontella<sup>2</sup>  
André do Nascimento Corrêa<sup>3</sup>

**Resumo:** O trabalho escravo constituiu-se numa das principais formas de mão de obra no Rio Grande de São Pedro no século XIX, até mesmo nas áreas predominantemente agropastoris, inclusive naquelas de pouca envergadura econômica. Neste artigo, focamos no exame comparativo da estrutura de posse de cativos entre duas regiões de produção agropastoril modesta: as vilas de Caçapava e São Borja. O período de análise é entre os anos de 1820 e 1850. Destaca-se a disseminação da propriedade escrava pela malha social, e o grau de concentração desta entre os diversos estratos socioeconômicos. Além disto, confronta-se os resultados com estudos realizados para outras áreas brasileiras.

**Palavras chaves:** Escravidão, Pecuária, Brasil meridional, Século XIX, Estrutura de posse escrava.

**Abstract:** The slave labor was constituted as one of the major form of labor in the Rio Grande of São Pedro in the nineteenth century, even in predominantly agropastoral areas including those of little economic scale. In this work we focus on a comparative examination of the ownership of captives between two regions of modest agropastoral production: the villages of Caçapava and São Borja. The period of analysis is between the years 1820 and 1850. It is highlighted the spread of the slave property by the social network, and its concentration degree between the several socioeconomic strata. Furthermore, it is confronted the results with studies to other Brazilian areas.

**Keywords:** Slavery, Livestock, Southern Brazil, Nineteenth century, Slave ownership structure.

## INTRODUÇÃO

A análise do escravismo para além dos contextos das áreas de economia agrícola de exportação e de indústrias charqueadoras tem avançado muito nas últimas décadas na historiografia brasileira. O mesmo se pode dizer sobre as pesquisas em história social da escravidão com foco no Rio Grande de São Pedro. No que tange, especificamente, às regiões com estrutura produtiva hegemonicamente agropastoril, os estudos têm demonstrado, que diferente do que as abordagens historiográficas tradicionais sustentavam, o trabalho escravo adquiriu importância fundamental para dinâmica socioeconômica de tais espaços.

O exame sobre a estrutura de posse de escravos constitui-se em um procedimento que nos possibilita entender de modo mais adequado os contornos assumidos pelo sistema escravista em distintas

<sup>1</sup> Neste texto nos utilizamos dos resultados obtidos em nossas respectivas pesquisas de mestrado: Corrêa (2013), que contou com bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil; e Fontella (2013), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil.

<sup>2</sup> Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil; doutorando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil; bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil; integrante do Grupo de Pesquisa Sociedades e Hierarquias no Brasil Meridional E-mail: <leandro-goya@hotmail.com>.

<sup>3</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil; doutorando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil; bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil; integrante do Grupo de Pesquisa Sociedades e Hierarquias no Brasil Meridional E-mail: (andrecorreacp@gmail.com>.

regiões. Através dele pode-se apreender, por exemplo, a difusão da posse cativa pela malha social, os níveis de concentração em determinados estratos sociais, a composição sexual das escravarias, as taxas de africanidade, etc. Estas variáveis nos permitem elaborar os perfis específicos de cada área examinada e construir quadros comparativos. Assim, podemos perceber quais padrões são constantes e quais características são peculiares a cada região.

Nas últimas décadas, inúmeros autores têm recorrido ao exame da estrutura de posse de cativos para analisar como se dava a distribuição da propriedade escrava pelos distintos estratos sociais nos contextos de suas pesquisas. Desde o início da década de 1980, os estudos nesse sentido vêm se acumulando para as mais diversas regiões do Brasil colonial e monárquico. Segundo José Flávio Motta:

a análise específica da estrutura de posse de escravos no Brasil dedicou-se pioneiramente Francisco Vidal Luna em seu trabalho intitulado *Minas Gerais: escravos e senhores* (LUNA, 1981). Outros autores que, anteriormente, haviam tangenciado o tema, fizeram-no, geralmente, enfatizando a distribuição dos cativos ao nível dos domicílios, e não ao nível dos proprietários de escravos, tal como efetuado por Luna (MOTTA, [1990] 1999, p. 67 [grifos do autor]<sup>4</sup>.

Já sobre as análises que enfocam a escravidão no Rio Grande de São Pedro, a utilização deste expediente passou a ser recorrente apenas na última década. Devido ao considerável número de trabalhos que têm sido produzidos escolhemos dialogar com um rol de estudos que acreditamos que nos asseguram uma interlocução mais apropriada com o contexto temporal e espacial de nosso estudo. Neste texto, estabelecemos uma comparação entre duas áreas que se caracterizaram pelo desenvolvimento de uma estrutura produtiva agropastoril de pequeno porte voltada ao mercado interno: as vilas de Caçapava e São Borja. O recorte temporal definido é algumas décadas da primeira metade do século XIX, quais sejam: 1820, 1830, e 1840. Faz-se importante esclarecer que para a primeira, contamos com dados para estes três decênios, enquanto que para a segunda, possuímos informações somente a partir do ano de 1828. Assim, consideraremos apenas as dezenas de 1830 e 1840. Isto se deve a disponibilidade dos processos de inventários *post mortem*.

No quadro comparativo esboçado, destacaremos dois critérios: 1) a disseminação da propriedade cativa pelo tecido social, e; 2) o nível de concentração da posse escrava entre as distintas camadas socioeconômicas. Além disso, buscaremos confrontar nossos resultados com outras áreas do Brasil. Antes

---

<sup>4</sup> Uma ótima revisão historiográfica sobre pesquisas que se utilizaram de estrutura de posse de escravos está em: Motta ([1990] 1999, p. 67–68). Por seu turno, Fernando Franco Netto (2005, p. 212–222) também revisa boa parte desta historiografia, considerando trabalhos mais recentes, inclusive, a pesquisa do próprio José Flávio Motta. Todavia, nestes textos os autores abordam exclusivamente os estudos realizados para localidades do sudeste e nordeste do Brasil escravista. Portanto, um texto que contemple a produção historiográfica sobre a estrutura de posse cativa nas regiões pastoris brasileiras ainda está por ser escrito. Para um balanço historiográfico de estudos recentes sobre as áreas pastoris do Rio Grande de São Pedro que realizaram estrutura de posse de cativos ver: Fontella e Matheus (2013).

disso, porém, apresenta-se de forma breve a formação histórica das vilas de Caçapava e São Borja juntamente com alguns dados de suas respectivas estruturas produtivas.

### AS VILAS DE CAÇAPAVA E SÃO BORJA

A formação histórica destas duas regiões esteve ligada ao avanço da colonização luso-brasileira no sentido leste para oeste do Rio Grande de São Pedro. O início do povoamento luso-brasileiro em Caçapava começou no final do século XVIII, momento em que tal área compunha a grande fronteira do Rio Pardo, e constituía-se como o ponto mais avançado dos limites ocidentais nas possessões meridionais do Império português na América, espaço que era alvo de disputa com o Império espanhol. Com o decorrer dos anos e um aumento significativo de povoadores, no ano de 1800 ocorreu a criação de uma Capela Curada, sob o orago de Nossa Senhora da Assunção de Caçapava. No ano de 1831, Caçapava foi elevada a categoria de Vila, tendo seus territórios desmembrados dos de Cachoeira, Piratini e Rio Pardo e passando a mesma à Freguesia. Com a elevação a Vila, foi estabelecida a Câmara de Vereadores. No entanto, esta somente teve sua efetivação no ano 1834, quando ocorreu a instalação do município (CORRÊA, 2013).

No que diz respeito a sua estrutura econômica, foi possível observar por meio dos inventários *post mortem* que, no recorte temporal considerado, em Caçapava havia uma predominância das atividades agropastoris. Em relação à produção de alimentos, não conseguimos identificar lavouras destinadas à exportação, mas sim para o abastecimento interno das unidades produtivas. Todavia, não se pode descartar que provavelmente tenha existido um modesto circuito mercantil com os excedentes agrícolas de cada estabelecimento produtivo. Já na pecuária, os grandes rebanhos eram de gados *vacuns* e cavalares, sendo que as reses tinham uma grande supremacia quando comparada com os equinos. Diante disso, podemos caracterizar Caçapava como uma localidade que tinha sua base econômica na pecuária bovina, semelhante a São Borja. Porém, a grande diferença ente as localidades esteve na produção mular, que tinha uma representatividade bem significativa em São Borja, diferente do que ocorria em Caçapava, onde a criação de mulas parece não ter atingido grande proporção<sup>5</sup>.

A posse da terra estava diretamente ligada à propriedade do gado *vacum*, não sendo via de regra, mas a grande maioria dos estabelecimentos caracteriza-se desta maneira, não importando o tamanho de sua envergadura. Assim, os criadores de Caçapava estavam divididos de uma forma desigual no que diz respeito aos seus recursos econômicos (posse de escravos, rebanhos e terras).

Por seu turno, a Vila de São Borja foi criada em 1833 e sua Câmara de Vereadores foi estabelecida no ano seguinte. Sob a jurisdição desta Vila ficou praticamente todo o território que antes era denominado

---

<sup>5</sup> Para um melhor entendimento ver: Corrêa (2013) capítulos 1 e 2; e Fontella (2013) capítulo 1.

de Província de Missões, sobre o qual haviam sido estabelecidas, ao longo dos séculos XVII e XVIII, as Sete reduções jesuítico-guaranis do lado oriental do Rio Uruguai. A Província de Missões foi anexada às possessões luso-brasileiras no decorrer das três primeiras décadas do século XIX; a partir disto se desencadeou o processo de povoamento luso-brasileiro deste espaço e a sua incorporação ao sistema produtivo agropastoril privado do império escravista português e, posteriormente, brasileiro (FONTELLA, 2013; FLÔRES, 1996; MENZ, 2001).

A diversificação econômico-produtiva foi uma das principais características da zona das Missões entre 1828 a 1850. O pastoreio de gado *vacum* foi a prática produtiva mais recorrente. A distribuição dos recursos produtivos (por exemplo, gado, terra e escravos) se deu de forma bastante desigual. Identificou-se uma estrutura composta por poucos grandes estancieiros que concentravam a maior parte do rebanho e grandes extensões territoriais, e uma ampla quantidade de criadores de poucos animais, mas que em sua maioria eram detentores de pequenos lotes de terras (FONTELLA, 2014 [no prelo]). Em uma perspectiva comparativa, a pecuária bovina da zona das Missões era mais modesta do que a desenvolvida na região da Campanha, onde se encontravam os melhores campos para a atividade pastoril, porém, maior do que a praticada na região do Planalto (FONTELLA, 2013). Já em relação à criação de mulas, ela esteve bastante difundida pela região, e na absoluta maioria dos estabelecimentos produtivos esta atividade dividia espaço com a pecuária bovina. Em comparação a esta, a criação de gado muar não atingiu a mesma monta econômica. A disseminação da criação de mulas tratava-se de um ramo de produção comercialmente atrativo e economicamente viável. Percebeu-se também que, em termos dimensionais, a pecuária muar na região das Missões era maior do que a praticada na Campanha, mas não chegava a dimensão que adquiriu no Planalto (FONTELLA, 2013)<sup>6</sup>.

No tocante à agricultura, segundo os relatos de contemporâneos, o milho, o feijão e a mandioca foram os principais gêneros produzidos na região. Em significativa parte das unidades de produção, as práticas agrícolas coexistiam com atividades pastoris. Por meio delas, os produtores procuravam dar conta de parte de suas necessidades de produtos alimentícios, e os excedentes eram destinados ao mercado regional, voltado, principalmente, à região da Campanha, que possuía produção agrícola bem inferior à constatada para a zona das Missões. Pequena quantidade daqueles excedentes também era exportada à região platina através dos portos do rio Uruguai. O dinamismo deste comércio ensejava uma intensa interação entre os produtores de diferentes envergaduras econômicas, já que, nem uns, nem outros tinham a capacidade de autossuficiência, e por isso precisavam recorrer ao mercado (FONTELLA, 2013).

---

<sup>6</sup> Este quadro comparativo da envergadura da pecuária *gadum* e muar foi elaborado através da confrontação de nossos resultados de pesquisa com os estudos de Araújo (2008) e Farinatti ([2007] 2010). Enquanto Araújo focou sua investigação na Vila de Cruz Alta na região do Planalto sul rio-grandense, as análises de Farinatti recaíram sobre a Vila de Alegrete, localizada na região da Campanha sul rio-grandense. Ver: Fontella (2013, cap.1).

Além de tudo isso, ainda havia a produção de erva-mate e, em menor escala, de couro e subprodutos do gado. Estas atividades se constituíram em outros nichos produtivos que abriram possibilidades a um grande número de produtores pobres, sem que os produtores de maior envergadura fossem alijados destes processos produtivos, embora se dedicassem a eles com menor frequência. A cadeia produtiva da erva-mate também auxiliava a diversificar e dinamizar a matriz econômica da fronteira oeste da província, especialmente, na zona das missões e do Planalto. Esses produtos eram dirigidos para a região do Prata por meio do Uruguai, rio que se tornou um canal de articulação entre a fronteira oeste da província e os Estados platinos (FONTELLA, 2013).

Vale ressaltar ainda que os diferentes processos produtivos desenvolvidos na região das Missões se vinculavam a diferentes circuitos comerciais: a pecuária bovina se ligava ao complexo porto-charqueador do leste da província, a pecuária muar a Feira de Sorocaba, as produções de gêneros agrícolas e de farinhas voltadas principalmente à região da Campanha e, por fim, a erva-mate e couros que se destinavam à região platina. Este cenário se torna ainda mais complexo quando lembra-se que muitos destes produtores se articulavam a todos estes circuitos, ou, ao menos, a alguns destes (FONTELLA, 2013).

### A ESCRAVIDÃO DISSEMINADA

Levando em consideração a difusão da posse cativa pela malha social averiguamos que em Caçapava e São Borja expressivo número de produtores que se utilizava do trabalho compulsório. Na primeira vila verificou-se que, entre 1821 e 1850, dos 148 processos de inventários abertos, 130 (88%) deles possuíam escravos arrolados. Já em São Borja, entre 1828 a 1850, os cativos estiveram presentes em 43 dos 48 inventários que fizeram parte de nossa amostragem, ou seja, em cerca de 90%<sup>7</sup>.

	Caçapava	São Borja
Com escravos	88%	90%
Sem escravos	12%	10%

**Tabela 01:** Porcentagem de inventários *post mortem* com e sem escravos.  
Fonte: para Caçapava (CORRÊA, 2013), para São Borja (FONTELLA, 2013).

Tais números assemelham-se aos 87% que Helen Osório (2005) encontrou para toda a Capitania do Rio Grande de São Pedro para o período colonial (1765-1825). Na Vila de Rio Pardo, entre 1810 e 1835, cerca de 90% dos proprietários inventariados possuíam ao menos um cativo (PETIZ, 2009, p. 85). Gabriel Aladrén

<sup>7</sup> Esclarecemos que enquanto para Caçapava analisou-se a totalidade dos inventários abertos no período, para São Borja examinou-se todos os inventários abertos nos anos pares.

(2012, p.99), analisando as regiões de Cachoeira, Rio Pardo e Jaguarão no intervalo entre 1821 e 1840, também constatou que 92% dos inventariados eram senhores de escravos.

Para Alegrete, uma das principais localidades da Campanha sul rio-grandense, região de pecuária de maior vulto em todo o Rio Grande de São Pedro, Luís Augusto Farinatti ([2007] 2010) verificou que nas duas décadas entre 1831 e 1850 o percentual dos criadores de gado que possuíam escravos foi de 86% e 82% respectivamente. Estes valores são inferiores aos averiguados para Caçapava e São Borja. É importante notar também que Farinatti considerou apenas inventários de criadores de gado, enquanto que neste estudo levamos em conta todos os produtores rurais, inclusive aqueles que não praticavam o pastoreio bovino. Este fato torna ainda mais significativo os dados levantados para Caçapava e São Borja, uma vez que a proporção de inventários com escravos tende a ser maior entre o grupo de criadores de gado *vacum* do que entre o universo total de produtores rurais. Como se pode notar, os resultados encontrados para Caçapava e São Borja, zonas de pecuária mais pobre do que a praticada na Campanha, são superiores aos números vistos por Luís Farinatti para esta região. Este dado nos impele a refletir sobre o papel fundamental que o sistema escravista desempenhou em localidades com estruturas econômicas modestas e até mesmo pauperizadas.

Por sua vez, Thiago Araújo (2008) averiguou que em Cruz Alta entre 1834 e 1850, 73% dos processos de inventários tinham escravos. Portanto, o número visto para o Planalto sul rio-grandense também é inferior ao averiguado para as vilas Caçapava e São Borja. Nesse sentido, podemos afirmar que em relação à difusão da posse de escravos, Caçapava e São Borja reproduzia a estrutura do Rio Grande de São Pedro colonial, e se aproximavam mais da região da Campanha (Alegrete) do que a região do Planalto sul rio-grandense (Cruz Alta).

Em outras áreas de pecuária do Império as representatividades dos produtores escravistas estiveram próximas daquela que constatamos. Raimundo N. R. de Souza (2012) verificou que no período colonial (1709-1822) no Sertão do Acaraú, região norte do Ceará, 87% dos inventários abertos possuíam escravos avaliados. Examinando um longo período que vai de 1770 a 1887, Versiani e Vergolino (2003) constataram que no Sertão e Agreste de Pernambuco 83% e 73%, respectivamente, dos proprietários inventariados eram senhores de escravos. Em Rio das Contas na Bahia, “*região essencialmente rural, com uma economia baseada na agricultura, pecuária, e voltada para a subsistência de abastecimento dos mercados vicinais [...]*” (ALMEIDA, 2006, p. 21), ao longo do século XIX, 88% dos inventariados eram senhores de escravos. Em contrapartida, nas regiões pastoris da província do Paraná, a proporção de produtores escravistas esteve bem aquém dos averiguados no Rio Grande de São Pedro. Por meio de um documento intitulado de *Inventário dos Bens Rústicos* (um cadastro de terras), elaborado em 1818, Horácio Gutierrez (2006) verificou que em Castro e Palmeira, núcleos essencialmente pecuaristas da província do

Paraná, o percentual de proprietários com escravos residentes foi de 52,4% e 39%, respectivamente. Na região de Campos dos Goitacazes, Sheila de Castro Faria averiguou que:

de 301 criadores [que não produziam açúcar], 95 [32%] não tinham escravos [...] Dos 301 criadores, 77% [231] também faziam farinha de mandioca numa proporção mais escravista do que se tomados em conjunto: somente 24% [55] dos 231 não tinham escravos” (1998, p. 246). Além disso, a autora percebeu que os “*criadores exclusivos de gado, quando escravistas, tinham mais escravos e gado do que os que consorciavam atividades*” (1998, p. 246).

Em Pelotas, região onde se concentravam as indústrias do charque, nas décadas de 1830 e 1840, 86,5% dos inventariados eram senhores de escravos (PINTO, 2012, p. 47). Nos anos 1850 esse índice praticamente não se alterou, segundo Bruno Pessi (2012), 87% dos inventários abertos naquela localidade tiveram escravos arrolados. Próximo dali, no porto de Rio Grande, cerca de 85% dos proprietários inventariados possuíam escravos entre 1825 e 1865 (SCHERER, 2008 p. 38).

Em que pesem as diferenças de períodos, podemos notar que em contraste tanto com áreas do próprio Rio Grande de São Pedro, quanto de outras regiões pastoris do Brasil, as regiões de Caçapava e São Borja caracterizaram-se por uma expressiva presença de produtores escravistas.

### A ESCRAVIDÃO ESPRAIADA E CONCENTRADA

Passa-se, a partir daqui, a avaliar o grau de acumulação da posse cativa entre os distintos estratos socioeconômicos. Apurou-se que em Caçapava 75% dos senhores eram pequenos e médios escravistas, mas que detinham apenas 37% do total de escravos inventariados. Conseqüentemente, 25% dos donos de cativos eram médios e grandes escravistas, e acumulavam nada menos do que 63% dos cativos<sup>8</sup>. Em São Borja, 77% dos escravistas possuíam até 9 cativos, retendo cerca de 45% destes. Em contrapartida, os grandes escravistas eram 33% do universo de produtores com cativos, e concentravam em suas posses em torno de 55% destes.

---

<sup>8</sup> Estabelecemos como pequenos senhores de escravos aqueles que possuíam até 4 cativos, os médios escravistas eram os que tinham entre 5 e 9 escravos. Já os grandes proprietários foram aqueles donos de escravarias com mais de 9 cativos.



Dimensão da escravaria	Caçapava 1821 – 1850		São Borja 1828 – 1850	
	% proprietários	% escravos	% proprietários	% escravos
1 a 9	75%	37%	77%	45%
Mais de 9	25%	63%	23%	55%
Total	100%	100%	100%	100%

**Tabela 02:** Estrutura de posse de escravos.

Fonte: para Caçapava (CORRÊA, 2013), para São Borja (FONTELLA, 2013).

Em primeiro lugar, constate-se que o nível de concentração da propriedade cativa foi consideravelmente maior em Caçapava. Todavia, de maneira geral, os dados averiguados estão em sintonia com o padrão que vem sendo verificado para o Rio Grande de São Pedro e para a grande maioria das regiões do território brasileiro, seja em zonas de economia ligada à exportação, seja nas áreas voltadas para o abastecimento do mercado interno, como nas indústrias charqueadoras sul rio-grandenses.

Para o meio rural do Rio Grande de São Pedro do período colonial, a concentração foi semelhante a verificada em Caçapava, 75% dos proprietários eram pequenos e médios escravistas, e detinham apenas 35% dos cativos, conseqüentemente, os grandes escravistas (25%) concentravam 65% dos escravos em suas senzalas (OSÓRIO, 2005, p. 14). Com base nos dados levantados por Petiz (2009, p. 83), verifica-se que na Vila do Rio Pardo (1810-1835), 37% dos escravos estavam nas pequenas e médias posses que formavam 75% das senzalas. Sendo assim, os outros 63% dos cativos concentravam-se sob o poder de grandes escravista que se contituíam em 25% do universo de donos de escravos. Em uma ampla área na fronteira sul rio-grandense, compreendendo Cachoeira, Rio Pardo e Jaguarão, de 1832 a 1840, as pequenas e médias escravarias representavam 75,9% do universo de senzalas, mas detinham apenas 41,1% dos braços cativos. Logo, 58,9% dos escravos estavam nas mãos de grandes escravistas que representavam somente 24,1% dos senhores de escravos (ALADRÉN, 2012, p. 100).

Em Cruz Alta, entre 1834 e 1849, 35% dos escravos estavam em poder de pequenos e médios senhores, que representavam cerca de 77% do conjunto de proprietários, em contraste, 23% destes acumulavam 65% dos escravos. Já em Alegrete, no período de 1829 a 1849, o número de grandes escravistas

chegou a aproximadamente 30%, e concentravam em suas senzala cerca de 70% dos escravos, logicamente que os outros 30% dos cativos estavam em pequenas e médias escravarias (MATHEUS, 2012, p. 82). Com base nestes dados, este autor também defende que o sistema escravista desfrutava de uma ampla legitimidade entre a população pobre em meados do século XIX. Em Rio Pardo, no centro do Rio Grande de São Pedro (1840-1880), 77% dos senhores tinham até 09 cativos, mas só possuíam 45% dos escravos, em contrapartida, 23% de grandes escravistas concentravam 55% dos cativos (ZETTEL, 2011, p. 63)<sup>9</sup>.

Para além do Rio Grande de São Pedro, podemos perceber, pelos dados apresentados por Raimundo de Souza, que no Sertão do Aracaú no Ceará, a concentração também foi significativa. Naquela região, no longo período abordado por este autor, 56% dos proprietários possuíam até 4 escravos e concentravam somente 23% destes (SOUZA, 2012). No Sertão de Pernambuco, aproximadamente 82% dos produtores eram proprietários de até 10 escravos, e acumulavam aproximadamente 56% dos cativos. Já no Agreste de Pernambuco, a concentração não foi tão aguda, nesta área, em torno de 42% dos escravos estavam nas escravarias com até 10 cativos, as quais representavam cerca de 82% do universo destas (VERSIANI; VERGOLINO, 2003, p. 362). Em Rio das Contas na Bahia, do início do Oitocentos até 1850, os escravistas, que possuíam de 1 a 10 escravos, representavam 75,8% dos proprietários, abarcando 33,3% dos cativos. Os outros dois terços dos escravos se situavam em senzala com mais de 10 cativos, as quais representavam em torno de um quarto das escravarias. No período entre 1851 e 1871, esta concentração se manteve praticamente igual (ALMEIDA, 2006, p. 40).

Na região pastoril de Araxá nas Minas Gerais, por meio de listas nominativas, Déborah dos Reis verificou que os senhores com até 10 escravos nunca foram menos de 65% dos produtores. No início da década de 1830 eles chegaram a ser aproximadamente 88% do universo dos senhores de escravos, e dividiam entre si em torno de 51% dos cativos, o que quer dizer também, que quase a metade dos escravos estavam sobre o poder de apenas 12% dos proprietários. Essa forte concentração se manteve nas décadas posteriores, entre 1856 e 1858, os grandes escravistas representavam cerca de 30% dos produtores e possuíam aproximadamente 68% dos escravos (autor 2005, p. 11). Em Guarapuava, província do Paraná, na década de 1850, a concentração de escravos nas grandes escravarias foi bastante considerável. Nesta região, em torno de 45% dos cativos pertenciam a 14% dos proprietários com mais de 10 cativos, enquanto que 55% estavam em escravarias com até 10 escravos (FRANCO NETTO, 2005, p. 259). Na região de Palmas, também no Paraná, entre 1850 e 1871, em torno de 73% dos senhores possuíam até 10 cativos, porém, apenas 38,2% dos escravos habitavam suas senzalas. Consequentemente, os grandes escravistas, que eram 27% dos senhores, detinham 61,8% dos escravos (SIQUEIRA, 2010, p. 37).

---

<sup>9</sup> É importante frisar que os exames de Matheus (2012) e Zettel (2011) deram-se a partir dos Catálogos Seletivos da Escravidão do Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERs), como alertou-se em estudos anteriores Fontella (2013 e 2013a) e FONTELLA e MATHEUS (2013), a possibilidade de haver incorreções em tal material pode gerar inconsistências nas análises desenvolvidas.

No porto de Rio Grande entre 1825 e 1865, os pequenos escravistas representavam em torno de 78% dos proprietários de escravos e acumulavam cerca de 39% dos cativos, em contrapartida, médios e grandes escravistas que perfaziam 22% do total de senhores concentravam 61% dos escravos (SCHERER, 2008, p. 41). Na região charqueadora de Pelotas, no intervalo entre 1800 e 1835, Jonas Moreira Vargas constatou que 41,1% dos senhores possuíam até 4 cativos, entretanto, somente 7,4% destes estavam em suas escravarias. Por outro lado, *“os proprietários com 50 ou mais cativos, apesar de representarem somente 5,4% dos inventariados, eram donos de 33,6% dos escravos”* (VARGAS, 2013, p. 122)<sup>10</sup>. Já nas décadas de 1830 e 1840, aproximadamente 69% dos escravistas possuíam até 9 cativos, mas concentravam apenas cerca de 23% deles. Por outro lado, os outros 77% dos escravos estavam nas escravarias dos senhores com mais de 9 cativos, os quais representavam 31% dos escravistas de Pelotas (PINTO, 2012, p. 47).

No Recôncavo rural da Bahia entre 1779 e 1835, Bert Jude Barickman percebeu que *“a riqueza na forma de escravos era mais concentrada nas freguesias açucareiras tradicionais do lado norte da baía. Nas outras partes do Recôncavo, em áreas produtoras de fumo e mandioca, uma distribuição muito mais uniforme caracterizava a posse de escravos”* (BARICKMAN, 2003, p. 237). Na Freguesia de Nazaré, em 1779, onde se produzia principalmente mandioca, os 10% mais ricos proprietários possuíam 36,2% de todos os cativos. Por outro lado, *“dois terços de toda a população escrava do Iguape [região com predomínio de engenhos de açúcar] pertenciam aos 10% que eram donos dos maiores plantéis. Em São Gonçalo dos Campos [localidade onde se produzia, sobretudo, fumo], os 10% mais ricos possuíam menos de 40% dos cativos residentes na freguesia”* (BARICKMAN, 2003, p. 237)<sup>11</sup>. Na localidade de Bananal, região cafeeira da província de São Paulo, no ano de 1829, 70,7% dos proprietários possuíam até 9 escravos, mas detinham somente 20,9% destes. Por outro lado, aqueles com mais de 10 cativos eram 29,3% dos senhores, e concentravam expressivos 79,1% dos escravos. Mas é importante destacar que os proprietários com mais de 40 cativos representavam apenas 7,7% dos senhores de escravos e acumulavam nada menos do que 48,9% dos cativos (MOTTA [1990] 1999, p. 168).

Enfim, através dessa perspectiva comparativa, pudemos constatar que embora em Caçapava tivesse havido um grau de concentração um pouco superior ao de São Borja, a disseminação da posse escrava nestas duas regiões reafirmava uma estrutura que se reproduzia por todo o Brasil, seja no período colonial, quanto no monárquico. Isto é, como na maior parte das regiões brasileiras, ao mesmo tempo em que havia a dispersão da posse escrava pelo tecido social com a presença de muitos pequenos e médios senhores de escravos, existia também uma elite de proprietários de muitos cativos, os quais concentravam em suas senzalas a maior parte dos escravos.

<sup>10</sup> Para este período Vargas também se utilizou dos Catálogos do APERS, portanto, a mesma ressalva feita aos exames realizados por Matheus (2012) e Zettel (2011) se aplica à apreciação feita por este autor.

<sup>11</sup> Para ver os dados específicos da estrutura de posse de escravos por atividade produtiva do Recôncavo baiano entre 1779 e 1885 ver BARICKMAN (2003, p. 237-252).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALADRÉN, G. *Sem respeitar fé nem tratados: escravidão e guerra na formação histórica da fronteira sul do Brasil* (Rio Grande de São Pedro, c. 1777 – 1835). Niterói (RJ): PPGH/UFF, 2012.
- ALMEIDA, K. L. N. *Alforrias em Rio de Contas – Bahia* (século XIX). Salvador: PPGH/UFBA, 2006.
- ARAÚJO, T. L. de. *Escravidão, fronteira e liberdade: políticas de domínio, trabalho e luta em um contexto produtivo agropecuário* (vila de Cruz Alta, província do Rio Grande do Sul, 1834-1884). Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- BARICKMAN, B. J. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CORRÊA, A. do N. *Ao sul do Brasil Oitocentista: escravidão e estrutura agrária em Caçapava, 1821-1850*. Santa Maria (RS): PPGH/UFSM, 2013.
- FARIA, S. de C. *A Colônia em Movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FARINTATTI, L. A. E. *Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na fronteira sul do Brasil (1825 – 1865)*. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, [2007] 2010.
- FLÔRES, J. R. A. *A Vila de São Borja (1834 - 1887) numa conjuntura de transição: História sócio-econômica e Geopolítica*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, UNISINOS, São Leopoldo, 1996.
- FONTELLA, L. G. *Sobre as ruínas dos Sete Povos: estrutura produtiva, escravidão e distintos modos de trabalho no Espaço Oriental Missioneiro* (Vila de São Borja, Rio Grande de São Pedro, c. 1828 – c. 1860). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2013.
- FONTELLA, L. G. Muitas mãos à obra: escravos, guaranis, mestiços e família nos distintos modos de trabalho no Espaço Oriental Missioneiro (Vila de São Borja, Rio Grande de São Pedro, 1828 – 1859). Florianópolis, UFSC: *Anais do 6º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, 2013a.
- FONTELLA, L. G. O pastoreio bovino na região das Missões (Rio Grande de São Pedro, 1828 – 1858). Porto Alegre: *Anos 90*, n. 40, 2014 [no prelo].
- FONTELLA, L. G.; MATHEUS, M. S. Estrutura de posse escrava na província do Rio Grande de São Pedro: um apanhado historiográfico. *Revista Latino-Americana de História*, v. 2, n. 9, 2013.
- FRANCO NETTO, F. *População, escravidão e família em Guarapuava no século XIX*. Tese (Doutorado em História) – PPGH, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

- GUTIERREZ, H. Donos de terras e escravos no Paraná: padrões e hierarquias nas primeiras décadas do século XIX. *História*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 100-122, 2006.
- MATHEUS, M. S. *Fronteiras da liberdade: escravidão, hierarquia social e alforria no extremo sul do Império do Brasil*. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2012.
- MENZ, M. M. *Tesouro das Missões: a integração do Espaço Oriental Missioneiro na economia sul-riograndense*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, UNISINOS, São Leopoldo, 2001.
- MOTTA, J. F. *Corpos escravos, vontades livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)*. São Paulo: FAPESP: Anablume, [1990] 1999.
- OSÓRIO, H. Campeiros e domadores: escravos na pecuária sulista, séc. XVIII. *Anais do II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- PESSI, B. S. *Entre o fim do tráfico e a abolição: a manutenção da escravidão em Pelotas, RS, na segunda metade do século XIX (1850-1884)*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, USP, São Paulo, 2012.
- PETIZ, S de S. *Caminhos Cruzados: famílias e estratégias escravas na Fronteira Oeste do Rio Grande de São Pedro (1750-1835)*. Tese (Doutorado em História) - PPGH, UNISINOS, São Leopoldo, 2009.
- PINTO, N. G. *A benção comadre: experiências de liberdade e parentesco em Pelotas (1830 – 1850)*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, UNISINOS, São Leopoldo, 2012.
- REIS, D. O. M. Características demográficas dos escravos em Araxá (MG), 1816-1888. *Anais eletrônicos do XXXIII Encontro Nacional de Economia*, Natal: ANPEC, 2005. Disponível em: <<http://www.anpec.or.br/encontro2005/artigos/A05A018.pdf>>. Acesso em 08/03/2013.
- SCHERER, J. de S. *Experiências de busca da liberdade: alforria e comunidade africana em Rio Grande, século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, UNISINOS, São Leopoldo, 2008.
- SIQUEIRA, A. P. P. *Cativeiro e Dependência na Fronteira de Ocupação: Palmas, PR, 1850-1888*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- SOUZA, R. N. R. de. *Negros no Sertão do Acaraú (Século XVIII)*. *Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural*, Teresina (PI): UFPI, 2012.
- VARGAS, J. M. *Pelas margens do Atlântico: Um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX)*. Tese (Doutorado em História) – PPGHis, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- VERSIANI, F. R; VERGOLINO, J. R. O. Posse de escravos e estrutura da riqueza/ no agreste e sertão de Pernambuco: 1777-1887. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 33 (2), p.353-393, abr./jun., 2003.

DA REGIÃO CENTRO SUL ÀS TERRAS VERMELHAS DAS MISSÕES:  
UM EXAME COMPARATIVO DA ESTRUTURA DE POSSE DE ESCRAVOS EM CAÇAPAVA E SÃO BORJA  
(RIO GRANDE DE SÃO PEDRO, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX)

ZETTEL, R. F. V. *De mútuo consentimento*: os significados das relações familiares cativas para senhores e escravos na Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Rio Pardo (1845 a 1865). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2011.

Recebido em:09/07/2014  
Aprovado em:02/09/2014  
Publicado em:03/10/2014